



UMA EXPERIÊNCIA ANTIRRACISTA DE/COLONIAL EM SALA DE AULA: as vozes de pessoas subalternizadas em evidência

Paulo César Nascimento¹, Hélivio Frank de Oliveira².

Avenida Dr, Avenida Deusdete Ferreira de Moura – Centro, Goiás, 76600-000.

Resumo: A proposta deste texto é promover vozes de pessoas subalternizadas pelo modelo eurocêntrico de pensar o conhecimento a partir de conversas sobre o racismo com estudantes de ensino médio de uma escola pública goiana, focalizadas em problematizações a respeito da cultura racista e sutil que consumimos diariamente por intermédio de alguns espaços institucionais, com ênfase na sutileza que o racismo é internalizado em nós por meio da mídia. Essa atitude pedagógica partiu da minha experiência enquanto aluno, período em que muitas vezes eu queria falar, expor o que pensava e/ou sentia, e nunca me foi concedido o espaço de fala. Assim, resolvi usar o meu espaço de privilégio conquistado para tentar fazer ecoar algumas vozes silenciadas. Ao sentir falta de conhecimentos subalternos na escola e em pesquisas científicas, especialmente sobre racismo, propus buscar maneiras outras de produzir tais conhecimentos. Desta forma, me baseei na perspectiva de Mignolo (2003) não para pesquisar *sobre*, mas para pesquisar *com*. Dessa maneira, o que algumas pesquisas eurocêtricas chamam de dados, nesta dissertação, serão vistos como conhecimentos, isto é, pensamentos materializados por intermédio da linguagem.

Palavras-chave: Decolonialidade. Conhecimento subalterno. Racismo. Língua e cultura racista.

Introdução

Para que possamos identificar quem são os subalternos dessa estrutura, é preciso compreender que somos sempre doutrinados e orientados por pequenos grupos (internos ou externos), os quais exercessem os papéis de “intelectuais” na sociedade (GRAMSCI, 1999). Dentro de uma pesquisa científica eurocêntrica, o pesquisador é visto como o “intelectual” e os/as participantes da pesquisa são

¹ Proff.paulocesar@gmail.com (PQ)

² helviofrank@hotmail.com (ORIENTADOR)

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



vistos/as como “produtores de dados”. Para Spivak³ (2010, p. 76) os subalternos “são definidos como uma diferença da elite”, e por vivermos em uma sociedade caracterizada por hierarquias, impostas pelo modelo capitalista, o pesquisador se apossa da identidade de “intelectual” e os/as integrantes se tornam subalternos/as a ele. Este modelo colonial dita as regras da sociedade e faz com que sejamos “conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos” (GRAMSCI, 1999, p. 94). O fato é que produzimos e reproduzimos este caráter hierárquico em todas as instâncias e, muitas das vezes, nem percebemos. Por essa razão, logo de início já peço desculpas ao leitor caso não encontre esforços decoloniais (SILVESTRE, 2016) por todo o texto. Como eu já disse, construir e desconstruir algo tão “naturalizado” é um processo demorado, doloroso e complexo.

Quando pensamos as pesquisas das ciências sociais, é possível sempre observarmos um grande número de participantes que, de forma direta ou indireta, respondem às perguntas de “pesquisa”. O pesquisador, que faz parte do pequeno grupo, utiliza-se o que foi produzido para analisar e tecer comentários que comprovam alguma hipótese levantada por ele. A hipótese, um ato científico dedutivo, é sempre muito colonizador. De certa forma, subalterniza os/as integrantes da “pesquisa”, os/as quais, muitas das vezes, é a maioria em seu texto. De acordo com Castro-Gomes e Grosfoguel (2007) a superioridade assinalada ao conhecimento europeu em muitas áreas da vida foi um importante aspecto da colonialidade do poder no sistema-mundo. Por essas questões e tantas outras, os conhecimentos subalternizados foram excluídos, omitidos, silenciados e ignorados por uma elite científica.

Uma elite científica que direta ou indiretamente, acomoda os pesquisadores em um espaço elitizado. Acomodação essa que, cria grupos de pesquisadores que se colocam como sendo os únicos “intelectuais” de sua pesquisa. São orientados a ver

³ Gayatri Chakravorty Spivak é a escritora do livro “Pode o subalterno falar?” (2010), nele a autora tece uma construção crítica sobre a subalternidade da mulher no contexto indiano, no qual ela chega à conclusão de que o subalterno não poderia falar, pois se assim o fizesse, não seria mais visto como subalterno.



os conhecimentos subalternizados como “dados”, que precisam ser analisados e interpretados para ter “aceitação” no meio científico.

Material e Métodos

Para melhor ilustrar o que foi dito, esta pesquisa/ensino foi desenvolvida com uma turma do terceiro ano vespertino do Ensino Médio, composto de trinta e cinco alunos e alunas com faixa etária de 15 a 19 anos de idade. Trinta participaram de nossos sete encontros ocorridos às terças-feiras dos meses de maio e junho. A cada encontro o número de integrantes alterava, ficando entre vinte e cinco e trinta alunos a cada encontro. Sob visão eurocêntrica de pesquisa, esses/as produtores/as de conhecimentos seriam vistos apenas como dados, ou seja, subalternos/as a mim, pesquisador e mestrando.

Para a elaboração de uma “pesquisa científica”, somos orientados pela visão científica eurocêntrica. Isto é, precisamos elaborar perguntas com o intuito de as responderem no decorrer da pesquisa feita. Este modelo, acaba se tornando regra de encaixe para algo que é muito complexo e heterogêneo. A partir daí, observa-se que o método dedutivo positivista nos faz: tentar encapsular algo que é dinâmico. Tanto as perguntas como as respostas, são frutos de contextualizações distintas. Quando estava no processo de elaboração dessa pesquisa/ensino, me peguei pensando nessas epistemes científicas, e quanto elas são coloniais. Acabam nos “prendendo” na possibilidade de desenvolver uma pesquisa apenas com perguntas orientadoras, além de tudo, nos cobram respostas conclusivas em nossas pesquisas. Por esse motivo, as perguntas dessa pesquisa/ensino foram alcançadas com o decorrer de nossas discussões e problematizações. Além de tudo, não almejo com esta pesquisa/ensino uma resposta conclusiva, afinal, a resposta que eu poderia dar, seria fruto da contextualidade que esta pesquisa/ensino foi desenvolvida. Outras pesquisas

REALIZAÇÃO



semelhantes a essa, podem alcançar respostas e perguntas diferentes. Seguindo esse pressuposto, tento a seguir, localizar o leitor no contexto que esta pesquisa/ensino foi desenvolvida.

Após ter o contato com a professora que me disponibilizou suas aulas, solicitei que me inserisse no grupo de WhatsApp da turma que seria disponibilizada, porém, o grupo era fechado, isto é, apenas os/as professores/as poderiam mandar mensagens. O que me fez solicitar, para a professora, que me encaminhasse os links dos encontros semanais, para participar das aulas e, ir me ambientando com a turma e suas discussões. Durante essas participações, solicitei para que as/os integrantes criassem um grupo de WhatsApp, no qual, inseriram as/os suas/seus companheiras/os de sala. Feito isso, apresentei-me como alguém que estava interessado em ouvi-las/os sobre o tema. Disse que não queria dar aula, mas, levar suas vozes, seus conhecimentos, para a universidade, espaço no qual seus professores e futuros professores estão inseridos. Quis que elas/es se sentissem empoderadas/os e que, seu silêncio, durante este tempo fosse rompido. Para demonstrar que nós, subalternizados, possuímos muito conhecimento para enriquecer a pesquisa e o ensino.

Após essas conversas por WhatsApp, mandei-lhes um Questionário de Discussão⁴ (QD). Este, foi aplicado uma semana antes de nosso primeiro encontro, viabilizando conhecermos um pouco as/os subalternas/os desta pesquisa/ensino. Infelizmente, nem todas/os que participaram de nossos encontros responderam-no, por isso, foi obtido apenas 14 respostas no questionário. O QD, serviu também para a organização dos sete encontros que tivemos. Tendo em vista que, na maioria dos casos, os questionários são utilizados por pesquisadores que almejam obter informações primárias sobre o meio socioeconômico e/ou posicionamentos primários sobre o tema que será abordado na pesquisa (MARTINS, 2008), aqui, além de possuir

⁴ O modelo do questionário adotado está inserido no Apêndice A desta pesquisa. Por isso, caso o leitor queira entender como este questionário foi elaborado, indico olhá-lo antes de continuar a leitura deste texto.



também essa intenção, o QD serviu especialmente para diagnosticar os interesses de discussão das/os integrantes e para elaborar conversas que poderiam fazer sentido ao grupo.

Resultados e Discussão

Boa parte dos nossos conhecimentos sobre a cultura preta é uma questão que veio se “naturalizando” desde 1889 com o Brasil se tornando uma república federativa, quando uma visão de batalha, em busca de se tornar potência em um mundo capitalista, se criava. Com isto, os governos entre os anos de 1889 e 2000 se viam presos a uma visão deturpada do que seria países “amigos” e países “inimigos” (SANTOS, 2005). Santos (2005, p. 12-13) ao fazer uma leitura de Roger Bastide, afirma que no “Brasil há o preconceito de não ter preconceito, o que significa, seguindo uma livre interpretação, uma espécie de fidelidade do Brasil ao ideal de democracia racial; por consequência, isso construía-se em uma resposta que não passava de uma ‘ideologia a mascarar os fatos’”.

Durante a construção do país brasileiro é possível identificar uma visão pejorativa dada aos pretos por intermédio da força “intelectual” durante esse período, “na poesia matuta, poesia onde permanências culturais são mais evidentes e onde os preconceitos não se mascaram, o negro aparece sempre enquanto sinônimo de coisas negativas” (LUSTOSA, 1991, p. 162). Clóvis Moura, em seu livro “O Negro, de bom escravo a mau cidadão?” (1977) utiliza de um apanhado de pesquisas realizadas nos anos 60 e 70, demonstrando um padrão uniformizado sobre o estereótipo do negro já naquele período. Utilizando pesquisas feitas por Thales de Azevedo (1966) e Octavio Ianni (1972), consegue apontar o quanto a sociedade brasileira estava/está presa a uma depreciação do/a preto/a em questões de formação familiar. Além das questões familiares, existiam também as questões culturais religiosas, pois a arma ideológica cultural preta era exatamente as religiões com matrizes africanas, que os

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



uniram para reivindicar seus direitos como povos, o que rapidamente fizeram com que a branquitude criasse jogos discursivos para difamar as crenças dos povos pretos/as. Desta forma, as culturas negras foram associadas a brutalidades e, conseqüentemente, a satanás ou diabo: Orixá – Macumba – Coisa ruim – Diabo. Porém “somente a magia podia dar aos escravos sublevados nas *plantations* o combustível sócio-psicológico capaz de servir de contrapartida à brutalidade dos senhores de escravos” (MOURA, 1977, p. 110).

Todos os ocorridos nesses períodos foram bases estruturantes para que chegássemos a um conhecimento “único” sobre a África, “naturalizando-a” a ponto de “(...)falar, tipo... professor, a pessoa teve o cabimento de falar que tipo assim... de;; de que tirar o negro da África, um pouco... um pouquinho... foi positivo... olha a situação da África hoje por exemplo... para você ver (...)” (BARTH, 2021, APÊNDICE D)⁵. Para Santos (2005, p. 39) “o desconhecimento brasil[iano] sobre a África era [é] um fato” e o desconhecimento sobre as culturas preta também o é, afinal, quando crianças acreditamos no que nos é “ensinado”. Voltando a Barth, ele relata: “quando eu era bem novo, a gente escuta que macumba é assim né... essas coisas assim e tais... que;; era do diabo etc. etc. etc...” (BARTH, 2021, APÊNDICE D).

Todo este processo fez “naturalizar” um sentido ao item lexical “macumba”. Uma imagem criada no cognitivo durante o período da “modernidade” fez com que boa parte da sociedade associasse a cultura diferente da cristã a algo pejorativo, ou melhor, algo que “algum preto fazia ou cultuava”. Nos remete à mesma ideia de que “aqui perto de casa tinha um senhor que fazia...” (JADE, 2021, APÊNDICE D). Mas fazia o que exatamente? A gente se pega perguntando, e quem busca entender tal item vocabular verá que significa um instrumento musical utilizado pelas culturas

⁵ Os resultados desta pesquisa, estão inseridos como texto corrido com a pretensão de mesclar meus conhecimentos, conhecimentos de outros pesquisadores e, também, dos integrantes desta pesquisa/ensino. As contribuições deles é que deram vida à minha dissertação. Aqui, é trago apenas um recorte de todo o texto que está em fase de finalização.



africanas que, conforme o tempo veio se passando, tomou um sentido conotativo (AMORIM, 2013).

O que posso destacar é que crenças do tipo não é algo biológico, mas discursivo: “funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação se tornam equivalentes” (KILOMBA, 2019, p. 130). África – Cultura Preta – Macumba – Diabo – Coisa Ruim – Maldade – Pecado, essa cadeia de palavras, produz sentido em uma cultura orientada por padrões euro-americanos e é passada e repassada por “boatos”, “assim eu só ouvi boatos sabe!?!... O povo falar que tinha um quarto lá na casa dele cheio de capeta... uns trem...” (JADE, 2021, APÊNDICE D).

De acordo com Beersma e Van Kleef (2012), os boatos possuem duas visões distintas: para alguns, é um comportamento egoísta e malicioso, com a intenção de influenciar e manipular quem a ouve e, para a outra perspectiva, os boatos são importantes para o desenvolvimento social. Beersma e Van Kleef (2012) argumentam sobre a possibilidade de quatro motivos para os “boatos” ou “fofocas”, sendo eles; a) o uso para influenciar e/ou manipular as opiniões de uma determinada pessoa ou grupo; normalmente para um sentido depreciativo (*self-service*); b) o uso por pessoas que pretendem conhecer o indivíduo ou o grupo que está em interação, ou seja, “obter informações sobre a solidez das próprias opiniões” (BEERSMA; KLEEF, 2012, p. 2645), ou seja, uma forma de comparar o que o “fofocador” pensa com o que os outros pensam sobre determinado assunto; c) simplesmente para provocar o prazer individual de quem “fofoca”, uma espécie de “diversão”, por isso, “a imensa popularidade dos programas de fofoca na televisão e na imprensa popular” (*proxy*), (BEERSMA; KLEEF, 2012, p. 2645); d) a ideia de “proteger o grupo e suas normas contra comportamentos prejudiciais” (BEERSMA; KLEEF, 2012, p. 2645), com a finalidade justamente de manter o *status quo*, manipular uma determinada crença para que não violem o “padrão” imposto socialmente.



Quando os boatos possuem a tendência de difamar uma outra cultura distinta da euro-americana, acaba manipulando de forma depreciativa o posicionamento dos integrantes de uma sociedade, neste caso, a sociedade brasileira.

Considerações Finais

Ao ter como ponto de partida, a minha percepção da necessidade de ouvirmos os subalternos sobre o racismo, apontei como objetivo dessa dissertação, ouvi-los e evidenciar suas vozes como intelectuais e conhecimentos pertinentes para nós pesquisadores/professores.

Ou seja, eu queria no final deste texto, demonstrar que os subalternos possuem muitos conhecimentos que precisam ser considerados e levantados por nós, pesquisadores/professores que, na atualidade, nos encontramos em um papel de privilégio em relação a eles. Além de tudo, permitir compreender que existe outras formas de produzir pesquisa em linguagem, além das já hegemônicas enraizadas no modelo de orientação das epistemologias de pesquisa.

Agradecimentos

Agradeço aos integrantes dessa pesquisa/ensino por me propiciarem um momento único de minha vida. Tudo que este texto apresenta só foi possível graças ao conhecimento de vocês.

Aos profissionais do colégio coparticipante desta pesquisa/ensino, que não mediram esforços para colaborar com a pesquisa que se desenvolveu.

Ao meu orientador, Dr. Hélio Frank, que sempre me apoiou a ver com outros olhos a linguagem sutil que nos mata de dentro para fora, a me instigar a ser um pesquisa(dor), a me tornar um ser humano melhor a cada dia. Todas as vitórias que eu alcançar, pode ter certeza, serão nossas. Muito obrigado por tudo.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Aos meus professores do POSLLI, na pessoa da Professora Dra. Marília Vieira, que contribuiu para que a realização deste mestrado fosse possível. Professores que não apenas contribuem para uma aprendizagem mais humanitária, mas para um olhar outro do futuro do ensino-aprendizagem. Professores, muito obrigado por tudo.

Agradeço também à Universidade Estadual de Goiás, universidade pública que é um patrimônio histórico e que propicia inúmeras pessoas subalternas a se tornarem pesquisadoras da nossa realidade social.

Referências

AMORIM, M. P. Macumba no imaginário brasileiro: a construção de uma palavra. In: II Simpósio de Pesquisa da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2013, São Paulo. **Anais 3**. São Paulo: FAPESP, 2013. p. 1-16.

BEERSMA, B.; KLEEF, G. Why People Gossip: an empirical analysis of social motives, antecedents, and consequences. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 42, n. 11, p. 1640-2670.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. Prólogo: giro decolonial, teoria crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007, p. 9-24.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1992.

MOURA, C. **O negro, de bom escravo a mal cidadão?** Rio de Janeiro: Conquista, 1977.

SANTOS, J. T. **O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2005.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



VII Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



SILVESTRE, V. P. V. **Práticas problematizadoras e de(sc)coloniais na formação de professores/as de línguas:** teorizações construídas em uma experiência com o PIBID. 2016. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás